

A BATALHA DE GÊNOVA

GREGORIO MAESTRI



**Textos do ítalo-brasileiro
que presenciou a repressão
aos manifestantes
anti-globalização em
julhode 2001**

Cadernos “Construindo Cidadania” Nº 03

As IMAGENS pasteurizadas transmitidas pelas emissoras de TV não permitiram que o mundo soubesse como ocorreu o confronto em Gênova, quando da reunião do G-8.

A morte de um estudante durante as manifestações não ocorreu por acaso. Foi fruto de uma repressão violenta e assustadora por parte do governo italiano, que coloca em cheque os princípios democráticos constitucionais, defendidos não só pela esquerda, mas também pela direita (ao menos retoricamente).

Gregorio Maestri, um ítalo-brasileiro, conta o que viu e faz uma breve reflexão sobre o comportamento dos movimentos de esquerda frente à sangrenta e covarde batalha. Após ler seu texto, é inevitável a pergunta: o que nos espera?

Outubro de 2001

I Uma cidade-símbolo da globalização

CORAÇÃO DO MUNDO

Europa. Início da Idade Média. Reinos europeus e cidades-estado italianas expandem-se. Conquistas. Guerras. Ciência. Mares e oceanos dominados por alguns países e repúblicas marítimas: Gênova, Veneza, Portugal, Espanha. Primeiras formações nacionais. Inglaterra, França, Espanha, Portugal.

A expansão marítima gera o mundo da globalização. No coração dos fatos, Gênova, senhora do Mediterrâneo. A atividade marítima torna-a potência financeiro-comercial ‘mundializada’. Em 1104, seu porto global possui mais de setenta barcos! Gênova financia os cruzados. Avança no Mediterrâneo Oriental. Chega ao mar Negro.

A globalização estende as relações de poder. Comércio. Razias. Guerras. A burguesia genovesa – comerciantes, armadores, banqueiros – une-se contra sarracenos, pisanos, venezianos, para controlar o Mediterrâneo, o mar mundial de então. 1408. Nasce a União dos Bancos de Crédito de Gênova. O Banco San Giorgio. As primeiras casas bancárias modernas. Depósitos. Cheques. Cartas de câmbio. Seguros de barcos, cargas, bens.

O eixo da globalização desloca-se para a Europa do Norte. Gênova manda galeras ao Atlântico e espíões a Portugal. A cidade produz e exporta profissionais do mar. Entre eles, Colombo: o herói da globalização. Ironicamente, ele é exemplo do executivo moderno: especializado, precário, mundializado. Emigrando para aumentar o valor de seu saber, oferece-se a Portugal, vende-se à Espanha.

Os lusitanos tinham sólidas relações com Gênova. Tão parecido é o dialeto da cidade com a língua de Camões que os genoveses dizem ser os “portugueses” da Itália! 1492. A super exploração das Américas acelera a mundialização, consolida a centralidade atlântica, o declínio da gloriosa república marítima. A Globalização não tem pátria e não respeita tradições!

NOVA GLOBALIZAÇÃO

Séculos mais tarde, as revoluções globais, burguesa, na França, em 1789, proletária, na Rússia, em 1917. Vergado sob o peso burocrático, o Partido Comunista Italiano prossegue a luta pelo socialismo internacionalista, a globalização do trabalho. A mundialização capitalista produz a Primeira e, a seguir, a Segunda Guerra Mundial.

Gênova, sempre presente. Durante a Guerra, sua forte resistência operá-

ria e comunista ajuda a dobrar os camisas negras e pardas. Ao finalizar o conflito, o peito da cidade recebe estufado a Medalha de Ouro da Resistência. Suas íngremes ladeiras foram lavadas pelo sangue generoso antifascista.

Desde sempre, Gênova teve prefeitos progressistas, primeiro socialistas, logo, comunistas. Em meados de 1960, sob bandeiras vermelhas, genoveses protestaram contra o apoio do pós-fascista Movimento Social Italiano ao governo democrata-cristão, derrubando o primeiro e último governo “preto e branco” italiano. Antes do atual! Gênova é também metáfora dos novos tempos. Um dos maiores portos do mundo. Cidade vértice do Triângulo industrial italiano. Centro petrolífero. Coração de resistência operária, sindical, política, cultural. Ligada ao mundo pelo seu porto, mantém forte cultura provincial.

Anos 70. Crise. Inflação. Guerra Fria. Luta de massa nos países imperialistas. América Latina, Ásia, Oriente em fogo. O presidente francês conservador Giscard-d’Estaing propõe criação de clube privado dos países capitalistas ricos: EUA., Japão, Alemanha, França e Inglaterra: o Clube de Paris. O Grupo dos 5. O G5, para os íntimos! A seguir, Mitterand, o presidente “socialista”, abre a porta do clube à Itália e ao Canadá. Nos anos do “milagre”, a Itália tornara-se a quinta economia, na frente da Inglaterra, logo atrás da França. Do G5, chega-se ao G7.

MILAGRE ITALIANO

São os anos da Itália “self-made man”. Testarossa, United Collors, FIAT, Olivetti! Sob a chefia de Craxi, o Partido Socialista Italiano refestela-se no leito do poder. A noiva é a Democracia Cristã, velha putana da política italiana. O primeiro governo “rosa” capitaliza as “vitórias” do capital. Navegando nos mares do eurocomunismo, o PCI desmobiliza os trabalhadores. Depois do bolo crescer, ele será dividido, promete-se!! Era da Perestroika. Queda do bloco soviético. O PCI, maior partido comunista do ocidente, beija a lona eleitoral, levanta-se, mergulha de cabeça na piscina social-democrata, na raia do PSI, tragado pelo ralo dos processos anti-corrupção. Com novo nome – Partido dos Democratas de Esquerda [PDS] –, filia-se à Internacional Socialista!

Os esforços são recompensados. Em 1996, o PDS e a coalizão da Oliveira vencem as eleições! Finalmente sós, com o poder! No governo, o ex-PCI, protagonista das grandes lutas históricas, esquece tudo - inclusive a antiga batalha contra a entrada no G7. As desculpas são boas. O clube nunca fora tão ‘socialista’. Os “camaradas” da Terceira Via são cinco sobre sete: Clinton, Schroeder, Jospin, Blair, Chrétien.

Participar não basta. Organizar um encontro é preciso! Nenhum “óleo”

superará o da Oliveira como tempero da salada do capital! Urbis-símbolo da globalização, Gênova é escolhida para hospedar a reunião de 2001, sob a presidência italiana, do agora G8, com a entrada da Rússia capitalista, pela janela. O símbolo do encontro, um barco do renascimento de velas ao vento.

Gênova triste. As renúncias sociais-democratas e as derrotas históricas do socialismo sentem-se fortes na cidade feiticeira. Nova pobreza, novo racismo, nova criminalidade, nova exploração de imigrados. Forte e arrogante, a direita populista vencera as eleições regionais na Ligúria vermelha, hinterlândia da cidade marítima.

CIDADE VERMELHA

A escolha deve-se também à cor política de Gênova, cidade de esquerda. A prefeitura amiga receberá os rios de dinheiro destinados ao plano de intervenção faraônico proposto para o evento! Gênova receberá renovada os visitantes excelentes e as câmaras televisivas mundiais.

Edifícios, praças e ruas do centro histórico são restaurados, sob a batuta do poderoso arquiteto genovês Renzo Piano. Uma linha de metrô atravessará a cidade antiga. As periferias operárias e os subúrbios dos imigrados são esquecidos. Os resultados são dramáticos. Fere-se o mais extenso centro histórico europeu. Muitos edifícios já haviam sido restaurados para as comemorações Colombianas de 92. São golpeados centenas de outros, conservados, devido à falta de restauro! O centro histórico transforma-se em cartão postal. Chega-se a plantar palmeiras e plantas exóticas do Egito pela cidade! Os gastos são de jogos olímpicos. O G-8 durará três dias!

Após cinco anos de políticas neoliberais, a Terceira Via italiana vai pro brejo, nas eleições de 13 de maio 2001, derrotada pela “Casa das Liberdades” do mega-capitalista Silvio Berlusconi e seus aliados pró-fascistas, separatistas e xenófobos. Quem preparou a festa não cortará o bolo. O G8 se realizará sob a batuta e o tacão do novo governo. A mesa está posta para a Batalha de Gênova.

II

Os senhores da guerra e o povo anti-globalização

A derrotada Oliveira conclui suas providências. Lembrando as mobilizações de Davos, Nice, Praga, Seattle, Washington, militariza Gênova, criando zona vermelha de exclusão. Gasta 150 milhões de reais em um imponentes esquema militar – policiais, comandos, pára-quedaistas! O prefeito da Gênova

e o presidente da Província, sociais-democratas, aplaudem as medidas.

Um mês após o fórum de Porto Alegre, a Oliveira testa o esquema repressivo. Sob o comando de Bianco, ministro do Interior, a polícia intervém duramente no Global Forum Digial Divide, de Nápoles. A violência não teve maior repercussão devido à menor importância do evento, à proximidade das eleições, à cor política da repressão.

Após a posse do novo governo, a tônica dos primeiros discursos é a demagogia sobre Gênova. Globalização. Diálogo. Pobreza. Abolição da dívida. Sensibilidade mundial. Tratava-se da “Casa” e não da “Caserna das liberdades”, como se ironiza. Arma-se o circo da globalização com alma solidária.

Em Roma, em uma semana, o bellissimo palácio renascentista do Campidoglio recebe mais personalidades negro-africanas do que nos seis séculos de existência! Eleito pela Oliveira e pela “Casa das liberdades”, o presidente da República Ciampi comanda a redescoberta italiana da África!

O HOMEM CERTO

Prisioneira da encenação que pensara protagonizar, a Oliveira permite que a direita se apresente como sensível às misérias mundiais e disposta ao diálogo. Isolado, o pequeno Partido da Refundação Comunista [PRC], anti-capitalista, formado por operários, sindicalistas, pacifistas etc., denuncia a farsa.

Berlusconi tranqüiliza a todos: “Respeitaremos o direito de manifestação”. Porém, nomeia Claudio Scajola ministro do Interior e, assim, responsável pela “paz” em Gênova. Sinal dos tempos. Com 53 anos, é o primeiro responsável pela pasta a ter visto o sol nascer quadrado! Nada grave. A prisão fora por ... corrupção!

O ministro provém de família democrata-cristã que deu três prefeitos à cidade de Imperia. Seu irmão Carlo sucedeu o pai, apeado do cargo por corrupção. Nos anos 80, quando democratas-cristãos e socialistas roubavam soltos, foi a vez de Claudio ser preso, em 1983, por ordem do Tribunal de Milão.

A Justiça, que indagava sobre os cassinos italianos, onde mafiosos, capitalistas e políticos davam-se as mãos para encherem-se os bolsos, comprovou que, na Suíça, Scajola recebera do prefeito de San Remo, sede de cassinos, e do conde Borletti, empresário da roleta, uma nota preta!

FASCISTAS NOJENTOS

Preso setenta dias na famosa prisão milanese de San Vittore, Scajola foi solto pois não se provou que o dinheiro fora recebido para fins partidários! Em

liberdade, reelegeu-se prefeito. Em 94, democrata-cristão, denunciou a Aliança Nacional como “fascistas nojentos”.

Em 95, com a crise do PDC, Scajola reelegeu-se apoiado pela Força Itália! e pelos ... nojentos fascistas! A pedido do chefe, transformou o partido de Berlusconi de sigla virtual em máquina eleitoral. Como o patrão queria os ministros diplomados, formou-se advogado treze dias antes da posse.

Logo, o neo-governo mostrou as garras. Fecha a principal estação ferroviária, o aeroporto, o porto de Gênova. Suspende o tratado de Schenghen de livre circulação. Agora, para entrar na Itália, há que se dizer para quê! Casas de militantes são violadas. Pressiona-se os imigrantes pobres genoveses.

Os prisioneiros comuns do noroeste italiano são mandados para o Sul, ninguém sabe ainda a razão. Compram-se mais carros de jato d'água. Os hospitais genoveses são esvaziados e encomendam-se centenas de leitos hospitalares e caixões de defuntos!

A ESTÉTICA DO PODER

Sem explicações, Scajola nega passe para a Zona Vermelha para D'Avossa Lussurgiu, do jornal *Liberazione* [PRC]. Nos anos 70, ele fora dirigente estudantil! As associações profissionais e os meios de divulgação – à exceção dos berlusconianos, é claro – exigem explicações. A licença é concedida.

Berlusconi visita Gênova, a toda hora. Quer tudo nos trinques. Então, proíbe o secular hábito genovês de secar roupas nas janelas. A Itália ri. Os italianos mais velhos gelam. Para a visita de Hitler a Roma, Mussolini fizera o mesmo. Gênova responde. Durante o G8, uma profusão de ceroulas, calcinhas e sutiãs enfeitam as fachadas da cidade rebelde.

Chocado com a velhice da não restaurada via Gramsci, o capo encomenda limpeza e pintura relâmpago das fachadas. Comenta que “infelizmente” não pode fazer o mesmo com o nome da artéria! Herói anti-fascista, Gramsci morreu, após dez anos de dura prisão!

Berlusconi determina que edifícios que acha feios sejam escondidos por painéis com fachadas antigas, como o Duce encobriria as ‘feiúras’ da Cidade Eterna ao Führer com ruas de tinta, tecido e papelão! Manda “colar” limões, amarelíssimos, nos limoeiros do centro. Os verdadeiros não são suficientemente coloridos para as imagens televisivas, explica!

Há mais de um ano, milhares de associações – jornais, rádios, partidos, ONGS – organizam manifestação que transformasse o G-8 em festa anti-globalização. o Gênova Social Forum – GSF –, principal protagonista do evento, formou-se com 324 organizações, sobretudo italianas.

BRANCO E VERMELHO

A cultura operária possui raízes profundas na terra do Novecento. A mobilização cresce, as contradições aumentam. O cenário e o momento contribuem para que as propostas sociais-democratas, católicas, integracionistas choquem-se com as comunistas, anarquistas, operárias, autonomistas.

Polemiza-se sobre o movimento. Luta simbólica ou combate de classe? Turismo politicamente correto ou novo internacionalismo? Movimento inorgânico ou embrião de partido mundial? Espetáculo de rua ou ocupação da rua? Mercado eco-solidário ou anti-mercado? Capitalismo humano ou humanismo anti-capitalista?

Denuncia-se fortemente a ilusão da reforma ética do capitalismo. Exige-se que os fóruns fortaleçam e não substituam a mobilização popular e operária. O próprio PRC divide-se. Uma ala minoritária demarca-se da orientação católico-ecológica, forte entre o “povo de Gênova”. A majoritária abraça a “modernidade” de movimento fortemente influenciado por organizações conservadoras – Pax Christi, WWF, a Rede Lilliput etc.

Na frente anti-capitalista, destacam-se os organizados centros sociais autônomos. Foram formados nos anos 1970 por jovens, estudantes, desempregados, imigrados, anarquistas, comunistas etc., que ocuparam imóveis abandonados. Possuem restaurantes, livrarias, teatros, oficinas, micro-plantações de maconha. Os “macacões brancos” se protegem da polícia durante as manifestações vestindo roupas e defesas da cor que lhes dá o nome.

Os centros sociais praticam a “desobediência civil”. Em Gênova, para eles, é questão de honra violar simbolicamente a zona vermelha e as interdições do capital sobre a cidade. Sob as pressões do GSF, renunciam ao objetivo e a se vestirem de branco. O espetáculo deve ser apenas alegre festa multitudinária. Não será.

III

A anti-globalização em branco, vermelho e negro

A questão operária esteve quase ausente do debate anti-G8. Foram porém os “macacões azuis” que inauguraram a luta em Gênova. Em 13 de junho, metalúrgicos da Ilva manifestaram contra a perda de 1.200 empregos. A fábrica fora fechada pela administração de centro-esquerda por motivos ecológicos. Eles são duramente reprimidos pelas forças policiais reunidas para o G8 ao manifestarem contra as demissões.

Na mesma época, a Fiom-Ggil, o maior sindicato metal-mecânico italia-

no, rompe com o imobilismo dos sindicatos de orientação católico-integracionista (CISL e UIL) e lança greve geral de 24 horas contra os reajustes somífticos. Dezenas de milhares de operários marcham através da Itália. Em Nápoles e Palermo, desempregados e ex-prisioneiros manifestam violentamente contra a miséria vivida sob a riqueza capitalista.

Muitos macacões azuis e desempregados estarão em Gênova, dentro das manifestação, fora do GSF. Os sindicatos anti-capitalistas de base – Cobas, SlaiCobas, SinCobas etc. – chamam greve nacional contra o G8 para sexta-feira, 28 de julho, data da primeira grande manifestação anti-G8.

A confederação sindical que reúne a CGIL, a CISL e a UIL, social-democrata, não adere ao GSF e às manifestações, colocando sob tensão sobretudo a base sindical da grande CGIL, mais classista, que exige mudança de orientação de sua direção, após cinco anos de retrocessos trabalhistas históricos sob o governo da Oliveira. Na semana anterior, em encontro mundial sindical, Cofferati, líder da CGIL, é vaiado ao propor que “a globalização [...] deve ser administrada, não eliminada”.

SER OU NÃO SER

O ex-PCI, agora PDS, tenta manter um pé no barco, o outra na terra. Parte de sua base quer ir ao GSF, participar das manifestação. A direção gostaria de estar na mesa do G8. Promotores de guerras, privatizações, liberalizações, os líderes do PDS são vaiados nos debates. O ex-primeiro ministro D’Alema, senhor da guerra do Kosovo, protesta contra o anti-G8. As hesitações reabrem feridas. O PDS, antigo “partidão”, agora é “partideco”: caiu de 1/3 para 16% dos votos, na última eleição! O resto da Oliveira está a favor do G8.

Domingo, 15 julho. Primeiros encontros: “Luta contra a pobreza e a desigualdade”. Debates, seminários. Tensa tranqüilidade. Segunda, 16. Primeiro dia do GSF. Na cidade, vinte mil policiais e dezenas de milhares de manifestantes. A tensão aumenta. Então, através da Itália, explodem bombas. Governo e mídia responsabilizam os anarquistas e terroristas e aumentam a pressão policial.

Nos anos 1970, os serviços secretos da Itália, dos USA e da OTAN promoveram atentados terroristas no país para lançar a opinião pública contra a esquerda. A “estratégia do medo” não funciona como antes. Em Milão, acaba de terminar o processo do atentado da Praça Fontana, velho de 30 anos. São apontados como responsáveis pós-fascistas do MSI, agora no governo, guiados pelos serviços secretos.

As bombas querem pôr fim à simpatia que cerca o “povo da anti-globalização”.

É difícil se opor à luta pela natureza, pela paz, contra a pobreza e as doenças. E a globalização está desprestigiada. É geral a angústia causada pelos longos anos de vacas magras, loucas e agora aftosas. De mutações climáticas e desastres ecológicos. De jogos de guerras brincados nos pátios da Europa. E as novas notícias são ruins. Mais de 13 % da população italiana vive no limite ou na pobreza. O tratado de Kyoto foi pro lixo, o escudo espacial, pras estrelas. A Palestina está na fogueira. A Argentina na latrina. O Brasil espera a vez!

A GLOBALIZAÇÃO DOS POBRES

Terça, 17. Bicicletas. Ônibus. Trens. O povo de Gênova chega aos milhares. Quarta, 18. Primeira marcha oficial: “Todos Juntos!”, a manifestação dos “imigrados”, organizada para ser uma “marchinha”, tem sucesso inesperado. Mais de cinqüenta mil manifestantes. Italianos. Europeus. Multidões de norte-africanos, negro-africanos, asiáticos, ex-soviéticos, os novos escravos do velho paraíso capitalista.

Exige-se a regularização dos imigrantes. Fronteiras abertas. Direitos de solo para todos. O fim do racismo. Para abafar o sucesso da manifestação, explode carta-bomba na redação de Rede 4, um dos três canais televisivos berlusconianos. Ela justifica tentativa da polícia de entrar no estádio onde se alojam os militantes dos centros sociais autônomos.

Na mesma noite, incendeiam-se os escritórios milaneses da Select, empresa de trabalho provisório, outra “liberalização” do governo da Oliveira. Nos dias seguintes, alarmes falsos de bombas e bombas sacodem Bolonha, Gênova, Nápoles, Turim, Roma, Milão! Logo se compreenderá o objetivo da grande orquestração do medo.

Quinta, 19, o Day D. Gênova já acolhe multidões de manifestantes. São numerosos os membros dos centros sociais. Jovens lombardos. Militantes do PRC. Importantes delegações estrangeiras: francesas, espanholas, gregas, iranianas. São fortes as colunas dos anarquistas-insurrecionalistas, os Blacks Blocks, que marcham ao som dos tambores, com suas roupas e bandeiras negras. Boa parte desse povo é estranho ao GSF e à Rede No Global.

BANDIERA NERA, LA VOGLIAMO? NO!

Na chegada a Gênova, membros dos Blacks Blocks jogam garrafas contra os policiais que, surpreendentemente, não respondem às provocações. Porém, com o resto dos manifestantes, o nível de tolerância é mínimo. Qualquer cara feia começa a ser duramente reprimida.

Na Zona Vermelha, milhares de cidadãos excelentes já se hospedam

nos hotéis de luxo da cidade blindada ou no Cruzeiro European Vision – chefes de estado, esposas, burocratas, capitalistas, milionários. Os jornalistas alojam-se em quatro outros cruzeiros também alugados a preço de ouro.

O exército nacional, apoiado no serviço militar obrigatório, nos moldes das forças armadas cidadãs inventadas pela Revolução Francesa, foi substituído por um exército ‘profissional’ pelo governo da Oliveira. Agora, na Itália, os militares voluntários são trinta mil. O resto, são mercenários.

Nos tetos dos prédios e nas esquinas, vigiam cinco mil comandos e vinte mil policiais. São sobretudo tropas relacionadas com a OTAN, envolvidas com a Iugoslávia e o Kosovo, treinadas para ver combatentes na população civil. Está presente a sinistra força especial Folgore. Os mares são controlados pelos Consubin, especialistas em sabotagem marinha. Centenas de helicópteros varrem os céus.

A CENOURA E O BASTÃO

Os esgotos são fechados. Os transportes públicos, interrompidos. A proibição de circulação na Zona Vermelha dificulta o abastecimento de restaurantes, supermercados, farmácias. Quando podem, impulsionados pelo medo, os cidadãos comuns fogem da cidade militarizada.

O G8 começa oficialmente com o calendário humanitário preparado pelo governo da Oliveira para abafar a fogueira anti-neoliberal. Inicialmente, serão abordadas questões “humanitárias”: combate à pobreza planetária; investimentos privados para a “solução” da crise mundial de saúde, educação, emprego. Dão-se uns pilas para a luta africana contra a Aids.

A Oliveira preparara o banquete. A “Casa das liberdades” apenas serviu-o, com fartura. A entrada foi a cenoura das intenções humanitárias servida abundante à opinião pública mundial. A seguir, o “povo da anti-globalização” teve como prato único o duro bastão da repressão, inimaginavelmente salgado.

IV 20 de julho: A sexta-feira negra

Sexta-feira, 20 de julho. Meio dia. Um grito agudo de sirena inicia as manifestações oficiais anti-G8. A marcha do dia anterior foi tranqüila: tudo promete que a grande caminhada será divertida e pacífica. No máximo, alguns empurrões entre policiais e manifestantes. É grande a emoção entre os mais de cem mil manifestantes! A mobilização inicia em paz.

Algo muito estranho. O militantes dos Blacks Blocks misturam-se à longa coluna. Depredam. Queimam. Agridem aqueles que se opõem ao vandalismo. A polícia nada faz. Apenas segue tranqüila os Blocos Negros, atacando a multidão confusa quando eles se retiram.

As forças policiais começam a cortar a longa coluna em grupos menores. Sem razão, batem, prendem e lançam gás lacrimogêneo e jatos de água ácida. Os que se afastam da manifestação são cercados e agredidos. Bombas de gás são lançadas diretamente nos manifestantes.

Milhares de manifestantes e jornalistas constataam a coordenação entre os Blocos Negros e a polícia. Militantes negros são vistos e fotografados entrando, saindo e descansando nas delegacias genovesas. Infiltrados, os anarquistas insurrecionalistas serão usados, antes, durante e após a marcha para criminalizar a manifestação.

EXCITAÇÃO MACABRA

A polícia ataca, em vagas, batendo em manifestantes indefesos. Muitos deles são jovens inexperientes. As instruções dos organizadores são que se sentem e levantem as mãos, em sinal de não violência. Velhos, adultos e adolescentes apanham duramente, no chão, de mãos levantadas!

Grupos de policiais isolam, cercam e ferem manifestantes com cassetetes, socos e pontapés. Os golpes de cassetete, dados em ângulo reto, não cessam nem mesmo quando a vítima sangra, chora, desmaia. Anarquistas e autonomistas organizam ataques às forças policiais para desviar a pressão dos manifestantes indefesos. Alguns poucos caminhões blindados são queimados.

Os helicópteros informam os policiais – e seus homens dos Blacks Blocks, acredita-se – onde atacar manifestantes escondidos, isolados e perdidos. A polícia golpeia os flancos das colunas e os helicópteros lançam bombas entre a multidão compacta. Procura-se impor o terror.

No fim da tarde, no meio de densas nuvens de gás e agressão generalizada, um jovem de 20 anos é assassinado com tiro na cabeça disparado por um policial, desde dentro de veículo blindado. Carlo Giuliani é um entre os milhares de genoveses presentes no ato. A reconstrução do assassinato provará que portava nas mãos extintor que fora jogado do veículo contra os manifestantes. A notícia espalha-se motivando raiva e medo.

APENAS OS AMIGOS

À exclusão dos Blocos Negros, qualquer manifestante é agredido. Adolescentes, adultos, idosos. Homens e mulheres. Pacifistas e autonomistas. Evangélicos e comunistas. Italianos e estrangeiros. Empregados e desempregados.

Jornalistas, fotógrafos, médicos, enfermeiros, funcionários da Cruz Vermelha credenciados e uniformizados.

Milhares de manifestantes portam filmadoras e máquinas fotográficas. Eles são golpeados e presos e os aparelhos, identificadas a projéteis, destruídos! Temem-se as provas da barbárie. Policiais são filmados lançando gás lacrimogêneo em ambulâncias, após quebrarem os vidros. Um cameraman da BBC permanece no hospital, desfigurado. Uma jornalista alemã teve o pulmão perfurado.

Ajudados pelos helicópteros e atiradores nos tetos, as forças policiais empurram os manifestantes para armadilhas. Embreados nas estreitas e tortuosas ruelas da cidades medieval, são batidos duramente. Agridem-se manifestantes sentados descansando nas pequenas e típicas praças da Gênova antiga.

Envolvidos por nuvens de gás lacrimogêneo, sem poderem ver e respirar, golpeados por policiais com máscaras e protegidos por armaduras futuristas, manifestantes entregam-se ao medo e ao pânico. Sem terem como escapar, apanhavam até que os policiais se cansassem.

SANTIAGO É AQUI

Um cenário dantesco de gritos, medo, gás, histeria, sangue, explosão, fumaça e terror invade grande parte da cidade. Mesmo os que nada sofreram temem uma repressão sem travas. As forças policiais estão por toda parte, em qualquer canto.

Os hospitais e prontos-socorros enchem-se. Ossos quebrados. Fraturas expostas. Olhos e pulmões perfurados. Lesões faciais e cranianas. Os feridos leves fogem das estruturas médicas, onde são fichados e presos. Feridos são algemados às macas. Se médicos e enfermeiros exigem que sejam soltos, policiais respondem que ... perderam as chaves!

Os policiais começam a prender manifestantes sem critérios. Os que são encontrados com garrafas de plástico, sanduíches, mochilas são denunciados como agressores. Os presos gravemente feridos são mandados aos hospitais, os demais são maltratados nas delegacias. Dinheiro, documento e cartões de crédito são seqüestrados e, comumente, destruídos. Assim, os manifestantes não podem identificar-se!

Nas prisões, jovens feridos são agredidos física e verbalmente e amontoados em posições insuportáveis e humilhantes. Muito numerosas, mulheres jovens, adultas e idosas são explicitamente bolinadas, em pseudo-revistas. Policiais urinam sobre prisioneiras. Os manifestantes não acreditam no que vivem.

FERIR E HUMILHAR

Presos permanecem horas proibidos de ir ao banheiro. Sobretudo as torturas verbais provocavam o choro, a depressão, a lassidão fisiológica. Centenas de presos urinam e defecam nas roupas diante de companheiros. Presos são transferidos para prisões “secretas” no norte da Itália, esvaziadas preventivamente. O motivo da prisão e os destinos não são comunicados. Por dias, os advogados do GSF procuraram os desaparecidos.

Os direitos legais são desrespeitados: nada de telefonema, advogado, ducha, comida, troca das roupas etc. Os maus-tratos prolongam-se por dias. Policiais divertem-se batendo em velhas feridas. Saúdam Mussolini, juram de morte os comunistas. Lembram que agora têm os endereços dos prisioneiros! Que ninguém sabe onde se encontram!

Na Itália, as ligações entre as forças policiais e militares e a direita são profundas. Policiais e militares participam e apóiam partidos pós-fascistas, como MSI; neo-fascistas, como Força Nova, Flama Tricolor, Frente Nacional etc.; ou ‘reformados’, como Aliança Nacional.

Sob o controle quase total da direita, a mídia privada e pública noticia a violência dos manifestantes e anuncia que a marcha do dia seguinte foi suspensa, devido à “morte acidental” de Giuliani, horas depois que os organizadores já haviam decidido mantê-la, em honra ao jovem genovês. Polícia e governo esperam que a lição tenha posto fim à oposição das ruas. Não pôs.

V

Escola Diaz: A repressão a frio

Sábado, 21. A morte do jovem manifestante e as violências policiais provocam forte reação popular. Aos milhares, chegam a Gênova operários, funcionários, donas de casas. Gente comum, com filhos e cachorros. Desfilam coesas as já ralas filas de combatentes antifascistas dizimadas pelos anos. Duzentas mil pessoas manifestam em memória de Carlo Giuliani, contra as violências, a polícia, o governo, em defesa dos direitos democráticos.

Nesse momento, as terríveis imagens do assassinato do jovem genovês e da violência policial rodam o mundo. Com o desaparecimento da polícia, a cidade volta à ordem. Nesse sábado ensolarado, milhares de estrangeiros aprenderam a gritar em italiano as principais consignas da demonstração: “Assassini!”, “Vergogna!”, “Cile!”, “Pinochet!”.

Muito logo, tem início a dança macabra da polícia e dos Blocos Negros. E, mais uma vez, Gênova conhece o inferno do dia anterior. As cenas repetem-

se monótonas, com redobrada violência. Ataques de colunas policiais. Jatos d'água. Bombas de gás. Mãos levantadas. Resistência. Prisões. Feridos. Medo. Muito medo.

Finalmente, após dez horas de luta urbana, a paz volta. Apesar da violência policial, a noite cai sobre uma cidade eletrizada pela magnitude da manifestação popular. 19 horas. Tudo tranqüilo. Muitos manifestantes deixam a cidade. Outros preparam-se para partir no dia seguinte.

REFÚGIO SEGURO

Manifestantes dormem nas escolas Diaz e Pertini, cedidas pelo poder público para sediarem a administração central do GSF. A Escola Diaz vive um pouco do espírito de festa. Violão. Canções. Conversas entre amigos, camaradas, namorados. Envia-se os últimos e-mails para pais, parentes, amigos.

A Escola Pertini, ao lado, funciona como centro de imprensa, estúdio de gravação das rádios de esquerda, centro de operadores de internet etc. É a principal sede da assistência jurídica do GSF. Os que não dormem redigem a lista dos “desaparecidos”, gravam programas de rádios, introduzem nos computadores informação sobre as violências policiais e suas ligações com os Blocos Negros.

As escolas são espaços oficiais reconhecidos. Estão, portanto, ao abrigo das violências policiais. Quanto muito, policiais vigiam os arredores e alguns manifestantes são interpelados e presos ao acaso. Em situação suspeita, dois jovens alemães são detidos. Esperavam por pizza fora de um restaurante!

23 horas. Escolas Diaz e Pertini. Os manifestantes já dormem, cansados pela atribulada marcha. Alguns poucos retardatários trabalham. Preocupados pela crescente presença da polícia nos arredores, raros notívagos abrigam-se na Escola Pertini.

NA CALADA DA NOITE

Escuta-se fortíssimo ruído na próxima via Battisti. São as tropas de elite do grupo Celere, de Roma, que avançam a trote cadenciado, quebram a porta de madeira, penetram na escola Diaz. A surpresa é total. Nenhum telefonema informara a incursão. Não se apresenta o mandado de invasão do prédio.

Começa o drama. Manifestantes são golpeados nos sacos de dormir, deitados, tontos de sono, incapazes de se protegerem. Os que se levantam são derrubados, chutados, até sangrarem. Tomados pelo ódio, os policiais batem nas cabeças, verticalmente. As grandes janelas permi-



Polícia avança sobre o corpo esmagado de Carlo Giuliani, 20 anos (acima)



Cercas para isolar o povo do comando da globalização (acima); a sangrenta batalha exigiu equipamento improvisado para enfrentar a violência policial



A Batalha de Gênova



O escudo do manifestante são as palavras (acima); o cansaço da militância (esq.); e viaturas policiais para reprimir a população





Manifestação em São Francisco, nos EUA (acima); passeata frente-a-frente com a polícia italiana (ao lado); e o desespero durante o conflito



A Batalha de Gênova



Container para afastar os manifestantes (acima); socorro a um ferido (ao lado); e protesto contra a morte de Carlo Giuliani



tem que a violência inusitada seja vista da Escola Pertini, ao lado.

Avisada, imprensa chega. A pancadaria prossegue. Os fatos são transmitidos, ao vivo, pelas rádios populares presentes. Agora, os policiais tentam entrar na Escola Pertini, onde portas e janelas são fragilmente barricadas com móveis escolares. Aterrorizados, os manifestantes, jornalistas e radialistas refugiam-se nas salas de gravação. Esperam, inermes, serem massacrados.

Aos borbotões, os policiais penetram com suas máscaras, escudos e armaduras. Muitos manifestantes gritam e choram aterrorizados, de braços levantados! Os policiais param, recuam, confusos. Compreendem que estão para massacrar manifestantes desarmados em estúdios radiofônicos que transmitem, em direta, para a rádio nacional!

NA PÁTRIA DE DANTE

A Escola Pertini está salva, sobretudo porque chegam deputados e senadores, principalmente do Partido Refundação Comunista que, ao exigirem que se mostre o mandado de invasão, descobrem, estarecidos, que não havia ordem judicial!

Jornalistas e parlamentares que reivindicam o direito de ingressar no prédio são lançados contra os muros da escola, como criminosos. Gritos de dor e pedidos de socorro ainda são ouvidos através das amplas janelas. Até o fim do massacre, ninguém entra na Escola Diaz.

A seguir, durante quase uma hora, mais de 140 feridos são transportados, em macas, por um grande número de ambulâncias, à disposição da polícia. Ninguém é informado para onde são levados. Ninguém compreende a razão da invasão. Muitos saem com as mãos alçadas, igual aos tempos da ocupação.

Parlamentares, advogados, jornalistas e médicos penetraram na escola vazia. A cena é macabra. Nos muros, no chão, no próprio teto, marcas de abundante sangue fresco. Aqui e ali, pedaços de tecido adiposo, de dentes, de orelhas! Embebidos em mar de sangue, os pertences dos jovens manifestantes – roupas, mochilas, cobertores, colchões, travesseiros, livros, escovas de dentes...

QUEIMA DE ARQUIVO

As razões do assalto são óbvias: no chão, destruídos, pisoteados, espedaçados, fotos, vídeos, disquetes, arquivos. Os computadores do GSF foram literalmente esmigalhados, enquanto os da Escola permanecem intactos. Três discos rígidos com prova contra a polícia foram seqüestrados.

Compreende-se que a operação fora planejada por agentes policiais infiltrados para destruir provas da violência policial. Uma ação absolutamente

anti-constitucional! Gravações revelarão que as ordens de comando eram de “massacrar os manifestantes”.

O governo justifica a ação pateticamente. Ela pretendia prender militantes negros que, em total dissensão com o GSF, jamais se aproximaram dos prédios! Não sendo possível apresentar um que fosse, apresentam-se as ‘armas’ seqüestradas na Escola: facas de cortar frutas; acessórios de jardinagem da escola; simpáticos canivetes universais suíços, com as lâminas abertas, na tentativa de causar alguma impressão!

Manifestantes feridos são levados para delegacias, onde permanecem de pé ou em posições incômodas, por mais de vinte horas. Agoniados com jatos de spray, vomitam sobre os companheiros. Tortura-se literalmente. Policiais excitados apagam cigarros nos braços e nas costas de detidos. Acionada, a Justiça determina a nulidade das prisões e a restituição dos discos rígidos seqüestrados.

Tão forte é a impressão causada pela violação da Escola Diaz que, no dia seguinte, o primeiro-ministro, o ministro do Interior, os chefes da polícia e dos serviços especiais etc. juram terem sabido do ocorrido apenas pela manhã, apesar das rádios e televisões terem noticiado os sucessos em direta, durante e após os sucessos! A covardia moral mostra-se à altura da covardia dos atos praticados.

VI A síndrome de Gênova

Revoltados, tristes, com um gosto amargo de derrota na boca, os manifestantes voltaram para casa. O estado de espírito reinante foi denominado de “síndrome de Gênova”. Entretanto, entre os manifestantes, dominava a vontade de luta, não a lassidão. Logo, a batalha de Gênova torna-se a batalha de toda a Itália.

Por toda a Europa, explode vasto movimento de solidariedade com Carlo Giuliani, com os presos, com os agredidos, com os humilhados de Gênova. Apesar do calor e das férias, por mais de uma semana, centenas de encontros, reuniões, sit-in, transmissões de imagens etc. sucedem-se na Europa e nas pequenas e grandes cidades italianas.

De segunda, 23 de julho, a quarta-feira, manifestações convulsionaram o centro de Milão. Na maior, na praça do Duomo, que reúne cem mil pessoas, o clima de emoção é indescritível. Milhares de visitantes concentraram-se nos centros sociais para expressar o desgosto e a revolta. Esses momentos de intenso sentimento político e humano são aproximados aos

vivididos pela esquerda italiana nos míticos anos 1960-70.

Sobretudo na Itália, são pintados “graffitis” e “tags” nos muros de edifício públicos e privados que simbolizam o poder capitalista. Em Milão, centenas de jovens reunidos pelo centro social Bulk, de orientação anarquista, realizam enorme pintura em honra de Carlo na parede do prestigioso prédio da maior companhia elétrica italiana.

INDÚSTRIA DA INFORMAÇÃO

A população italiana destaca-se pelo consumo de informação. As televisões divulgam dezenas de jornais diários e mesmo as pequenas cidades possuem jornais e revistas. Dramatizados, os furos, polêmicas, notícias frescas alimentam incessantemente o milionário mercado midiático.

Essa verdadeira indústria consome a informação. Assuntos explosivos ganham as manchetes e desaparecem após vinte e quatro horas. No caso de Gênova, temia-se – e esperava-se – que os fatos fossem logo abandonados pela mídia, sobretudo devido ao período de férias, quando boa parte da população viaja para o mar.

Mais de quinze dias após a Sexta-Feira Negra, jornais, rádios, revistas, televisões continuavam comentando os sucessos. Cada dia apareciam novos elementos, fotos revoltantes, revelações clamorosas, histórias inacreditáveis.

Os manifestantes maltratados foram dezenas de milhares. Os que filmaram e fotografaram os fatos, também! Por primeira vez na história, tanta informação iconográfica e escrita circula graças aos meios alternativos de informação, pondo em cheque, parcialmente, o monopólio da mídia.

COM A MÃO NA BOTIJA

A imprensa nacional e mundial não pára de revelar imagens e depoimentos chocantes. Num dos últimos filmes veiculados, aparece Alessandro Perugini, vice-chefe da polícia de Gênova, não uniformizado – é um simples funcionário –, chutando, com quatro policiais, repetidamente, um manifestante, rendido.

Com a face transfigurada por um rito de prazer, Perugini bate com o joelho, várias vezes, no rosto do manifestante vergado, semi-cego por ferimento no olho. Enquanto o manifestante chora de dor, o vice-chefe da polícia chama outros policiais para participarem da festa! O jovem tentara proteger amigo batido sem motivo. Os dois estavam sentados, conversando, quando a polícia atacou.

As manifestações contra as violências sofrem salto de qualidade em rela-

ção às de Gênova. A neutralidade-dissensão da Oliveira da mobilização anti-G8 causou perplexidade e indignação. A credibilidade de sua acusação de que o Partido Refundação Comunista fora o responsável pela vitória eleitoral de Berlusconi foi corroída pela sua ausência no combate real à direita.

O direito de dissensão é tido como valor inalienável pela Itália democrática. Boa parte da juventude e da classe média considerava os direitos democráticos constitucionais como conquistas indiscutíveis. Os sucessos de Gênova demonstram a fragilidade das liberdades democráticas diante da ofensiva da direita.

CONTRA OU A FAVOR

A população italiana e a social-democracia dividem-se entre o apoio à ação da polícia e do governo e a defesa dos manifestantes e das liberdades democráticas. A divisão agrava-se pela defesa da direita de uma ação que os próprios fatos explicitam o conteúdo.

O PRC e os Verdes exigiram a demissão do ministro Scajola e a formação de comissão parlamentar de inquérito. Procurando acordo com a “Casa das liberdades”, a Oliveira defendeu a ação da polícia em nome do “respeito às instituições” e aceitou a substituição da CPI por Pesquisa Parlamentar sem efeito jurídico e de curta duração – ela encerra-se em 20 de novembro.

O PRC defende que, em Gênova, não ocorreram “erros” e “excessos”, mas “crimes” de Estado, e mantém a exigência de CPI. O comportamento da Oliveira deve-se também à vontade de elidir sua responsabilidade na organização do aparato repressivo. Berlusconi lembra que seu ministro do Interior apenas implementou o plano de defesa herdado do governo findo.

O vice-primeiro-ministro Fini, líder de Aliança Nacional, envolvido no passado com o terrorismo negro, justifica a morte do jovem genovês como “caso de legítima defesa”! Bertinotti, secretário-geral do PRC, definiu na câmara a “invasão da Escola Diaz” como “violação aos direitos constitucionais mínimos” e aproximou os fatos ao “Chile” da ditadura militar.

PERIGOSA IMPUNIDADE

O GSF organizou rede de trezentos advogados voluntários para coordenar os processos contra a polícia e a defesa dos manifestantes. Em reuniões e através da mídia, procuram-se testemunhas que apoiem processos contra os atos ilegais. Atualmente, chovem centenas de denúncias de sevícias, ofensas, prisões ilegais.

A divulgação das violências contribuiu para que a grande maioria dos

detidos fosse libertada por prisão ilegal, fragilizando a demagogia do governo. Porém, 51 manifestantes encontram-se ainda presos. Oito processos, cinco contra a polícia, já foram abertos pelos advogados do GSF. Apesar das fotos, filmes e declarações, até agora, nenhum policial foi denunciado e sequer um processo foi aberto contra os carabineiros, polícia militar, que teve comportamento igual ou pior ao da polícia civil.

Um dos processos iniciados pelos advogados do GSF é sobre as relações entre a polícia e os Blacks Blocks. Ele é apoiado por documentos e por centenas de telefonemas de genoveses pedindo inutilmente a intervenção das forças policiais contra atos vandálicos.

A respeitada revista Diário exigiu oficialmente que os vértices da Polícia identifiquem o jovem dos Blocos Negros Blocks que abraça alegremente amigos policiais. As nítidas imagens do filme foram transmitidas por várias televisões do mundo. Por ter mostrado essas e outras imagens, o governo pediu a demissão de jornalistas da Rai 3, um dos três canais estatais.

VII Balanço e perspectivas

Os acontecimentos de Gênova motivam atualmente forte debate. Sobretudo na Itália, os fatos são aproximados a um ensaio virtual de golpe de Estado. Agora, sabe-se que, durante o cobre-fogo de 48 horas, Gênova foi “comandada” pelo fascista Gianfranco Fini, da Aliança Nacional, desde a célula operativa da polícia, onde se permite apenas o acesso de membros regulamentares do Estado, e não do governo!

Discute-se também sobre a responsabilidade dos dirigentes do GSF na proposta da estratégia de “assalto ao poder”, que teria levado os manifestantes às “armadilhas” de Gênova. Critica-se a não preparação dos manifestantes, em boa parte inexperientes, para a repressão, em parte previsível, em nome de uma “pacifismo” romantizado.

Propõe-se que seria eventualmente preferível promover manifestações através da Itália e do mundo, criando dinâmicas políticas, sociais e territoriais mais vastas e permanentes. Defende-se que essa estratégia, menos midiaticável, globalizaria a luta e dificultaria a repressão.

Critica-se a ação da direção do GSF que, ao deparar-se com um morto e milhares de feridos, procurou elidir suas responsabilidades na orientação da manifestação, criminalizando acriticamente grupos radicalizados, como se esses velhos conhecidos da luta anti-globalização se apresentassem, em Gênova, pela primeira vez.

MOCINHOS E BANDIDOS

Denuncia-se o comportamento contraditório da direção do GSF que acusou os Blocos Negros de terem estragado a festa sem reconhecer o sentido estatal da infiltração policial. Lembra-se que ela propôs manifestação “pacífica” pelo direito de expressão e circulação e exigiu da polícia que os jovens radicalizados fossem reprimidos, presos, afastados!

Ressalta-se que a direção do GSF explica o extremismo juvenil como resultado da infiltração policial, sem compreender que essas ações, estúpidas e manipuladas, nascem de ódio anti-capitalista profundo que se expressa no ataque a valores e símbolos da ditadura do capital – bancos, marcas, lojas etc. Sentimento que deve ser valorizado e canalizado politicamente.

Lembra-se que não há sentido em criticar a resistência e transformar Carlo em mártir de Gênova. Mesmo não pertencendo às milícias negras, ele foi assassinado ao atacar unidade móvel da Polícia. Não era anarquista, comunista ou pacifista. Era apenas um jovem em ruptura com o mundo capitalista em que vivia, que respondeu violentamente à violência do Estado.

Critica-se duramente a ordem para que os manifestantes se entregassem à fúria policial, ajoelhados e de mãos levantadas. Forças sindicais e velhos combatentes comunistas e anti-fascistas lembram que essa orientação rompe com a tradição de luta operária e popular, oposta ao vandalismo, à provocação e às posturas martirizantes diante do opressor.

PAZ ENTRE NÓS, GUERRA AOS PATRÕES!

Aponta-se esse pacifismo como negação ontológica do direito de resistência. Lembra-se que foi a violência das massas que destruiu o absolutismo feudal, em 1789; a sociedade de classes czarista, em 1917; o nazi-fascismo na Europa, em 1940-5; a ditadura cubana, em 1959-61 etc.

Denuncia-se o maniqueísmo da direção do GSF ao dividir a anti-globalização em “malvados” e “bonzinhos”, amalgamando provocadores e anarquistas anti-capitalistas, gentis militantes ambientalistas e combativos “macacões brancos” defensores da desobediência civil e da resistência à violência policial.

Ainda recentemente, os militantes “bonzinhos” dos centros sociais transformaram Milão em campo de batalha, no exercício do direito democrático de impedir reunião internacional de neo-fascistas em cidade que se destacou pela resistência durante a Segunda Guerra. A reação organizada desses grupos impediu que o massacre de Gênova tivesse sido maior.

Denuncia-se também a crítica oportunista da direção do GSF à falta de apoio da social-democracia ao anti-G8 e seu silêncio sobre os desastres políti-

cos, sociais e econômicos causados pelos senhores da Terceira Via. Lembra-se que é demagogia atacar Berlusconi, mas nada dizer sobre as guerras “humanitárias” da social-democracia; sobre as repressões ‘socialistas’ da anti-globalização de Goteborg, Nice, Nápoles etc.; sobre a organização do esquema repressivo de Gênova pela coalizão da Oliveira.

PALANQUE MUNDIAL

Propõe-se que a vontade de “diálogo” de setores do movimento constitui estratégia de legitimação de direções anti-globalização diante dos líderes imperialistas e de utilização do movimento como meio de pressão nas disputas travadas no interior da Internacional Socialista.

Denuncia-se que a organização de diálogo excelente – as famosas teleconferências – entre “porta-vozes” da globalização e da anti-globalização apenas aumenta a visibilidade das tendências ‘integracionistas’ em detrimento das ‘autonomistas’, facilitando a proposta demagógica de uma globalização com rosto humano e aberta ao diálogo, avançadas em Gênova.

Assinala-se que os sucessivos anti-fóruns produziram cenário político onde “porta-vozes” da anti-globalização propõem ações e programas que não expressam as bases do movimento, mas forças e tendências superestruturais. Uma realidade facilitada pela prática dos anti-fóruns de não votarem programas conclusivos discutidos democraticamente.

Atualmente, as grandes estrelas da anti-globalização são Agnoletto, do GSF; Casarini, dos centros sociais; Ramonet, no Le Monde Diplomatique; o grupo ATTAC, defensor de propostas neo-keynesianas – Taxa Tobin etc. Ironiza-se o empurra-empurra entre políticos europeus e sul-americanos para conquistarem um lugar na estreita boléia da anti-globalização e, conseqüentemente, na mídia nacional e mundial.

QUE LUTA LUTAR

A grande polêmica prossegue sendo os objetivos de um movimento que reúne tendências que compreendem o neoliberalismo e a globalização como face reformável do capital e outras que os vêem como a essência da produção capitalista em sua fase senil. Discute-se sobretudo se a luta é pela humanização do capitalismo ou pela construção de uma sociedade apoiada no humanismo anti-capitalista.

Assustado com a resistência de Gênova, Berlusconi propôs transferir o próximo encontro da FAO, de Roma, sua sede há mais de 50 anos, para Nairobi, mesmo não possuindo autoridade sobre a organização! Ao mesmo tempo,

A Batalha de Gênova

organiza com entusiasmo a reunião da OTAN sobre o Escudo Espacial, em Nápoles! Em resposta, o movimento anti-globalização já mandou seu recado para o chefe máximo da direita italiana: “– Nos veremos em Roma!”.

Desde o fim dos confrontos, centenas de italianos reúnem-se diariamente na Praça Allimonta, onde fotos, flores, pensamento e poesias assinalam o local onde caiu, para sempre, Carlo Giuliani. Noite e dia, jovens de rostos tristes e duros vigiam para que não se destrua, com jatos d’água, o miserável sacrário urbano levantado em honra à memória do jovem assassinado e de todos que, com ele, levantaram o punho contra os poderosos durante a batalha de Gênova.

Este é o terceiro volume da série de cadernos “Construindo a Cidadania”. A série foi idealizada pelo vereador Carlos Francisco Signorelli e trouxe reflexões sobre a Alca e sobre os direitos dos portadores de necessidades especiais.

Desta vez, o debate é sobre a sangrenta e covarde Batalha de Gênova, com textos de Gregori Maestri, um ítalo-brasileiro que não só assistiu como também participou das manifestações na Itália.

A produção deste caderno coube ao Instituto de Comunicação e Cidadania - ICC - com apoio do mandato do parlamentar.

Produção



R. Barão de Jaguará, 334, Centro
CEP 13015-000
Campinas-SP
Fone/fax: (19) 3237-3588
www.comcidadania.org
e-mail: noticia@comcidadania.org

Apoio



Mandato do vereador

Carlos Francisco Signorelli

Av. Anchieta, 200 - Centro
CEP 13015-904
Campinas-SP
Fone: (19) 3736-1520 Fax: (19) 3736-1524
www.signopt.org.br
E-mail: signopt@signopt.org.br